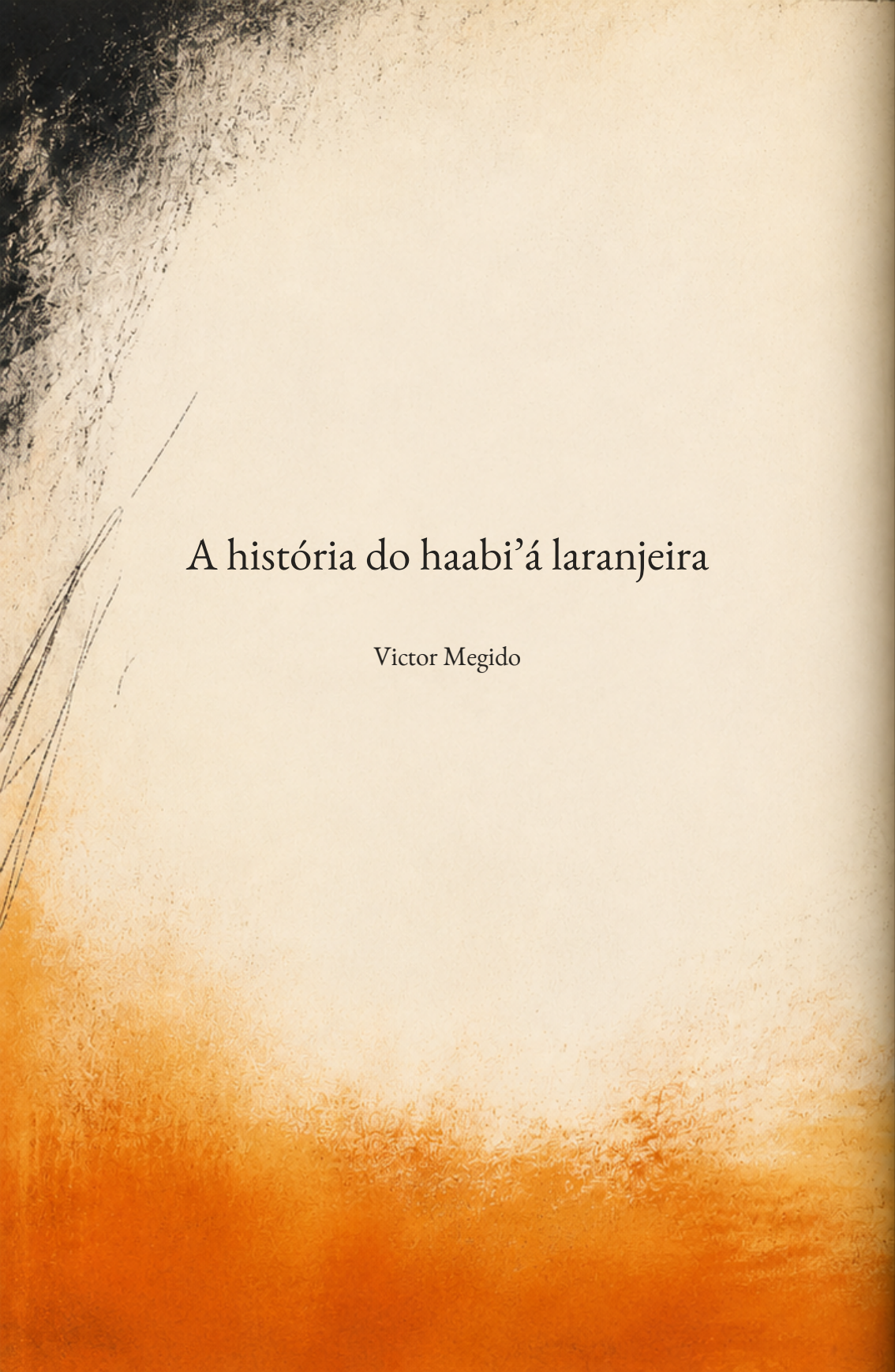




A história do haabi'á laranjeira

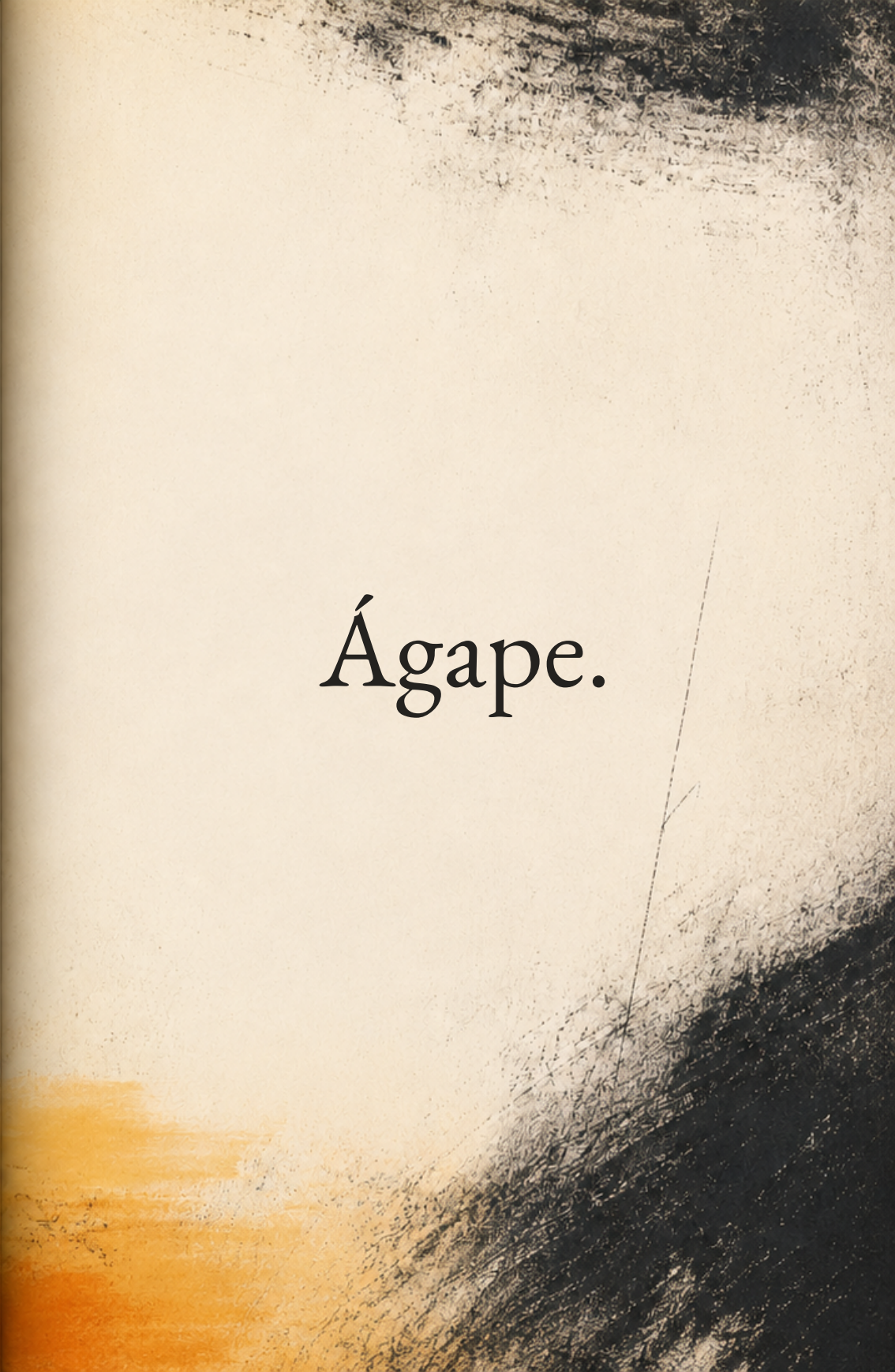
Victor Megido



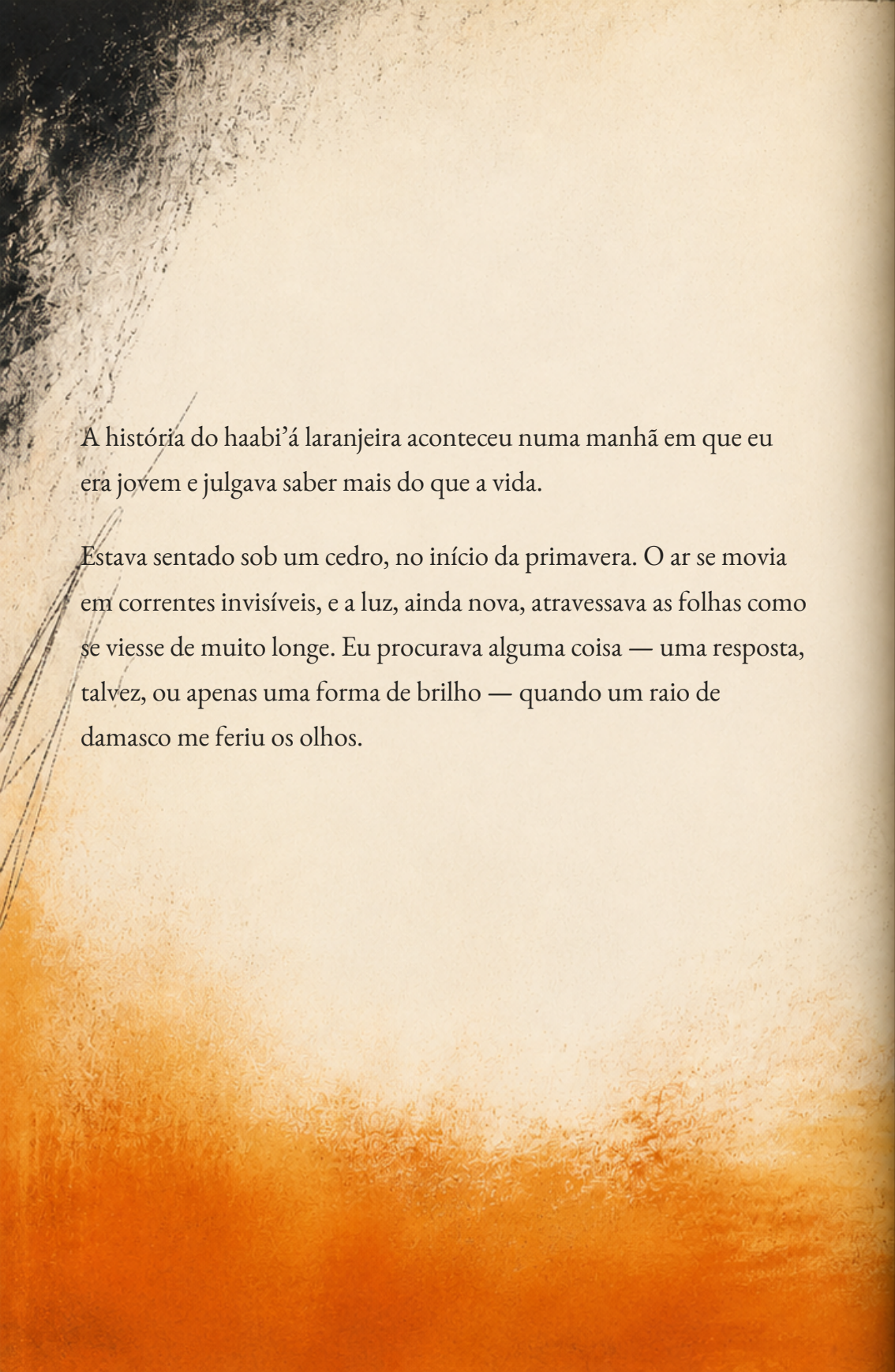


A história do haabi'á laranjeira

Victor Megido



Ágape.



A história do haabi'á laranjeira aconteceu numa manhã em que eu era jovem e julgava saber mais do que a vida.

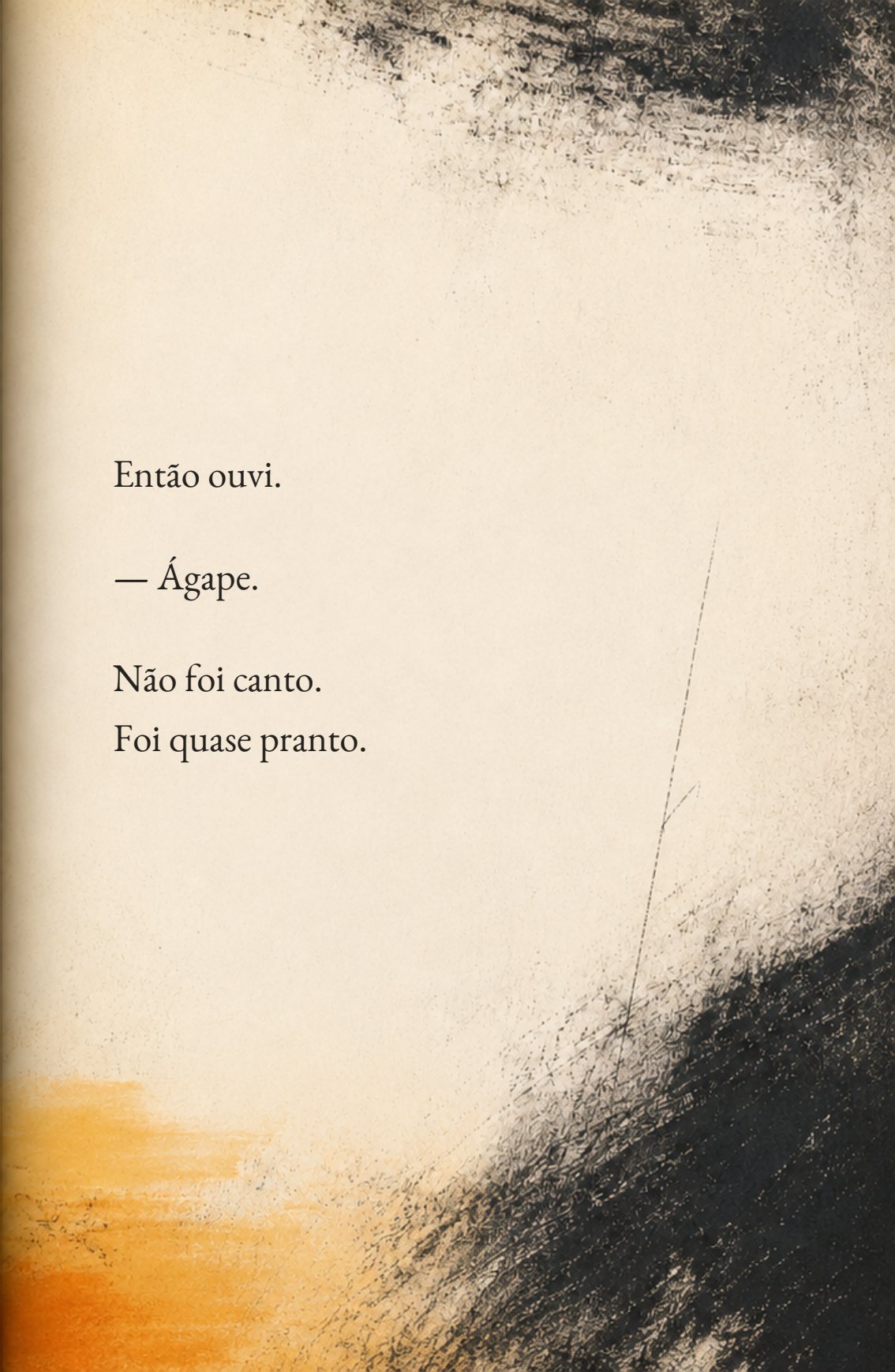
Estava sentado sob um cedro, no início da primavera. O ar se movia em correntes invisíveis, e a luz, ainda nova, atravessava as folhas como se viesse de muito longe. Eu procurava alguma coisa — uma resposta, talvez, ou apenas uma forma de brilho — quando um raio de damasco me feriu os olhos.



Eu procurava alguma coisa.



Ágape.

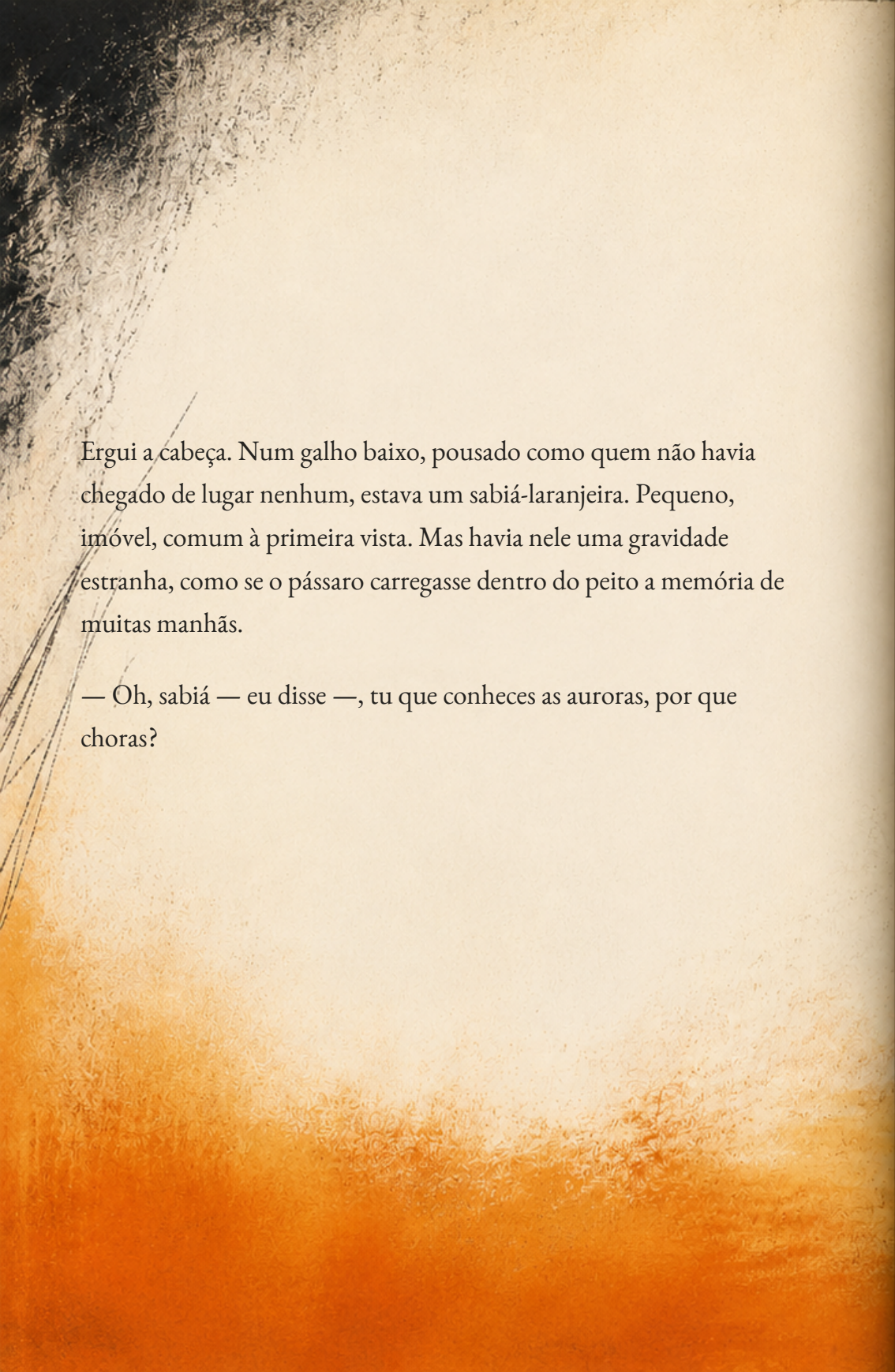


Então ouvi.

— Ágape.

Não foi canto.

Foi quase pranto.



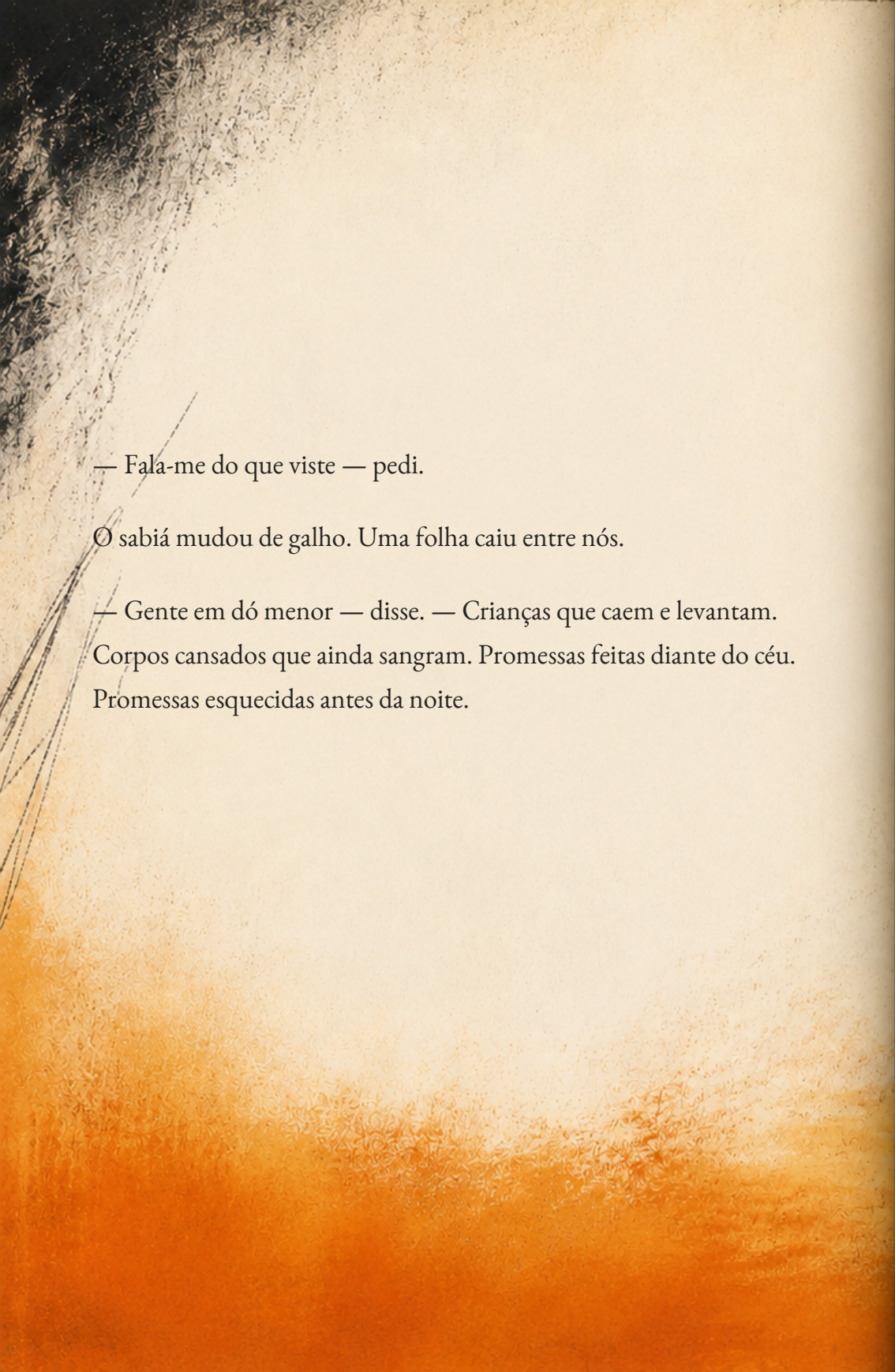
Ergui a cabeça. Num galho baixo, pousado como quem não havia
chegado de lugar nenhum, estava um sabiá-laranjeira. Pequeno,
imóvel, comum à primeira vista. Mas havia nele uma gravidade
estranha, como se o pássaro carregasse dentro do peito a memória de
muitas manhãs.

— Oh, sabiá — eu disse —, tu que conheces as auroras, por que
choras?



— Amor. Dor. Mesma fonte.

O cedro rangeu levemente. Eu senti vergonha de ter esperado
uma explicação maior.



— Fala-me do que viste — pedi.

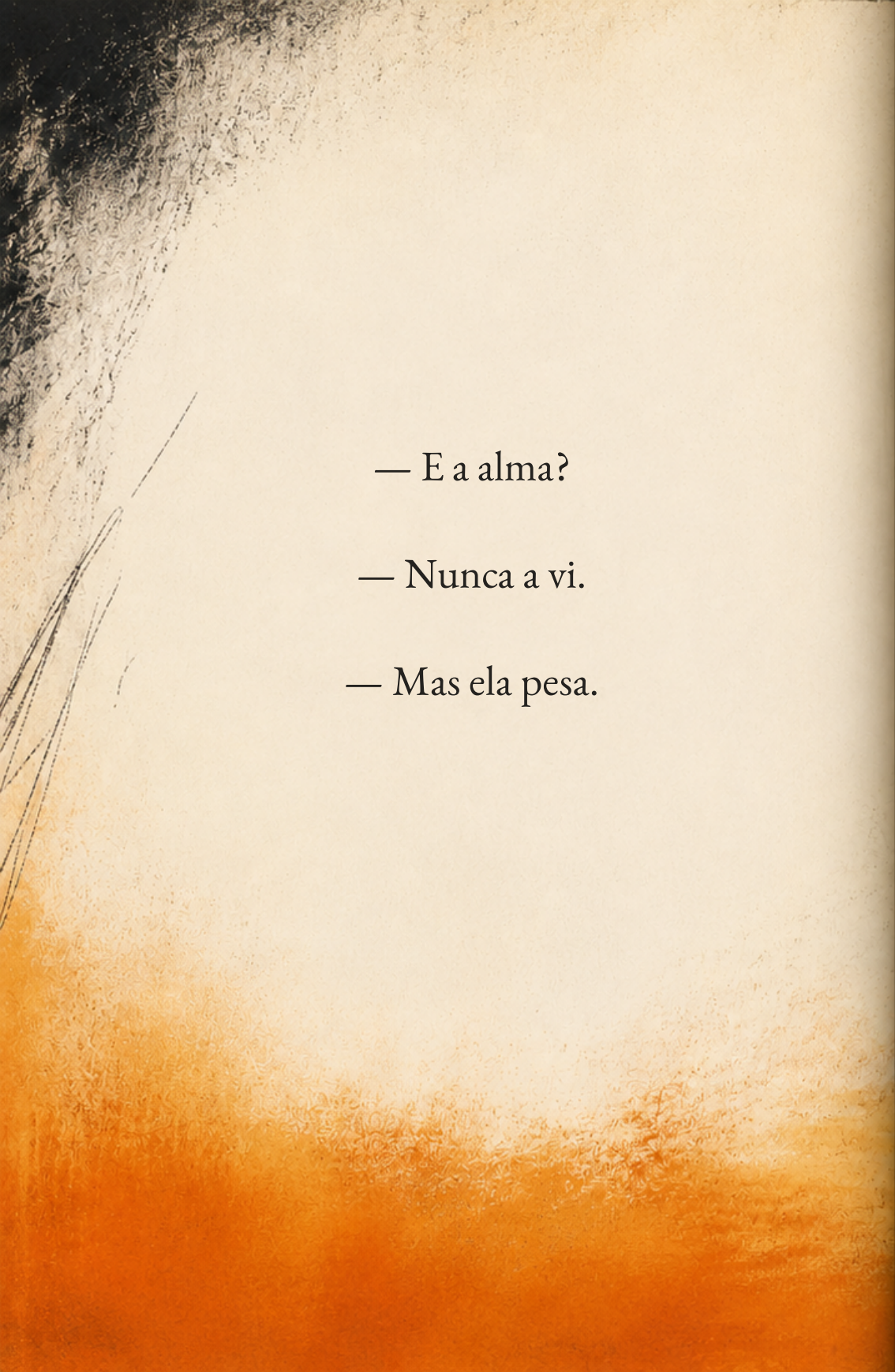
O sabiá mudou de galho. Uma folha caiu entre nós.

— Gente em dó menor — disse. — Crianças que caem e levantam.
Corpos cansados que ainda sangram. Promessas feitas diante do céu.
Promessas esquecidas antes da noite.



Calou-se.

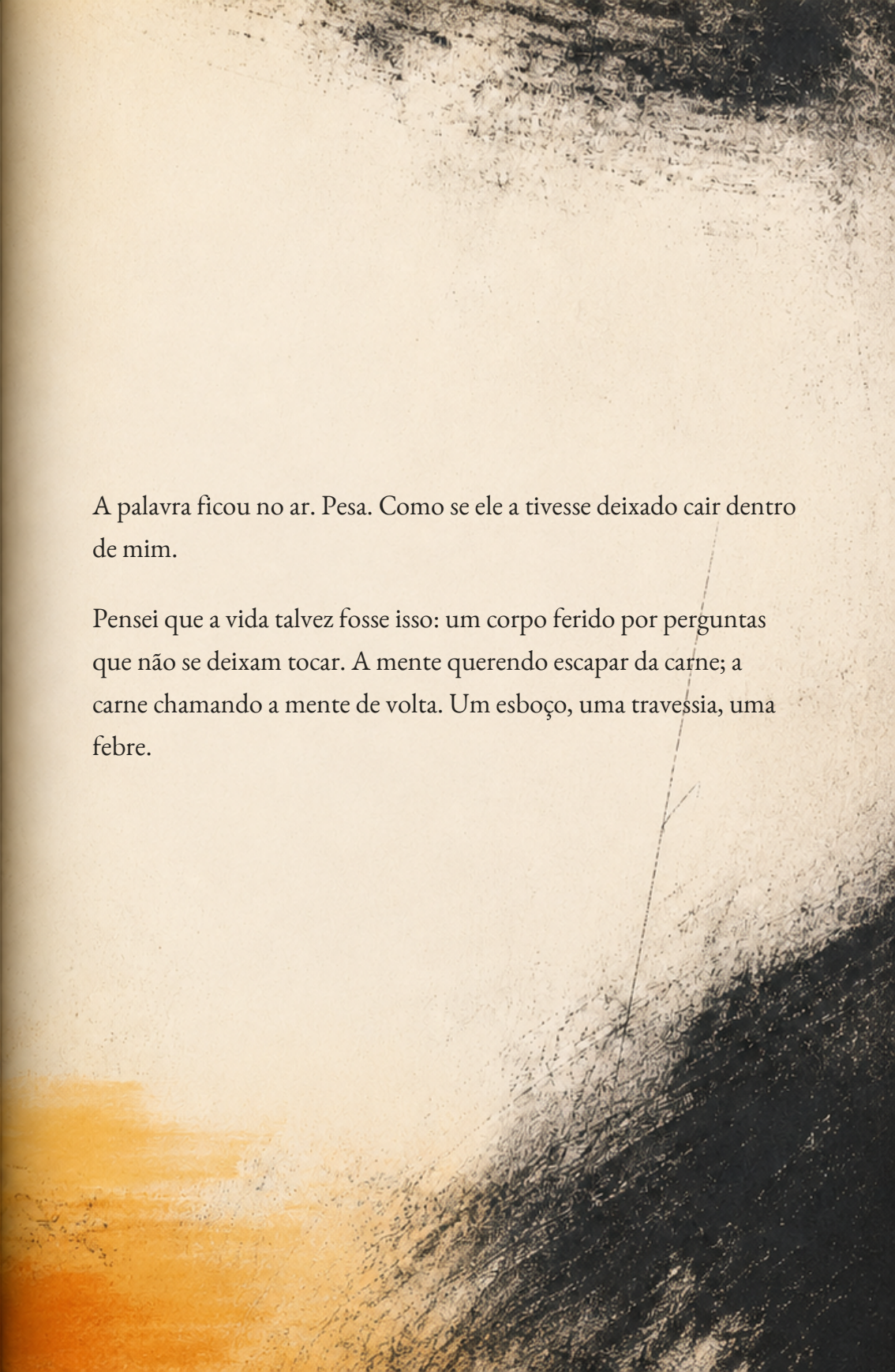
Ao longe, alguma coisa se movia na mata. Talvez um bicho.
Talvez apenas o vento.



— E a alma?

— Nunca a vi.

— Mas ela pesa.



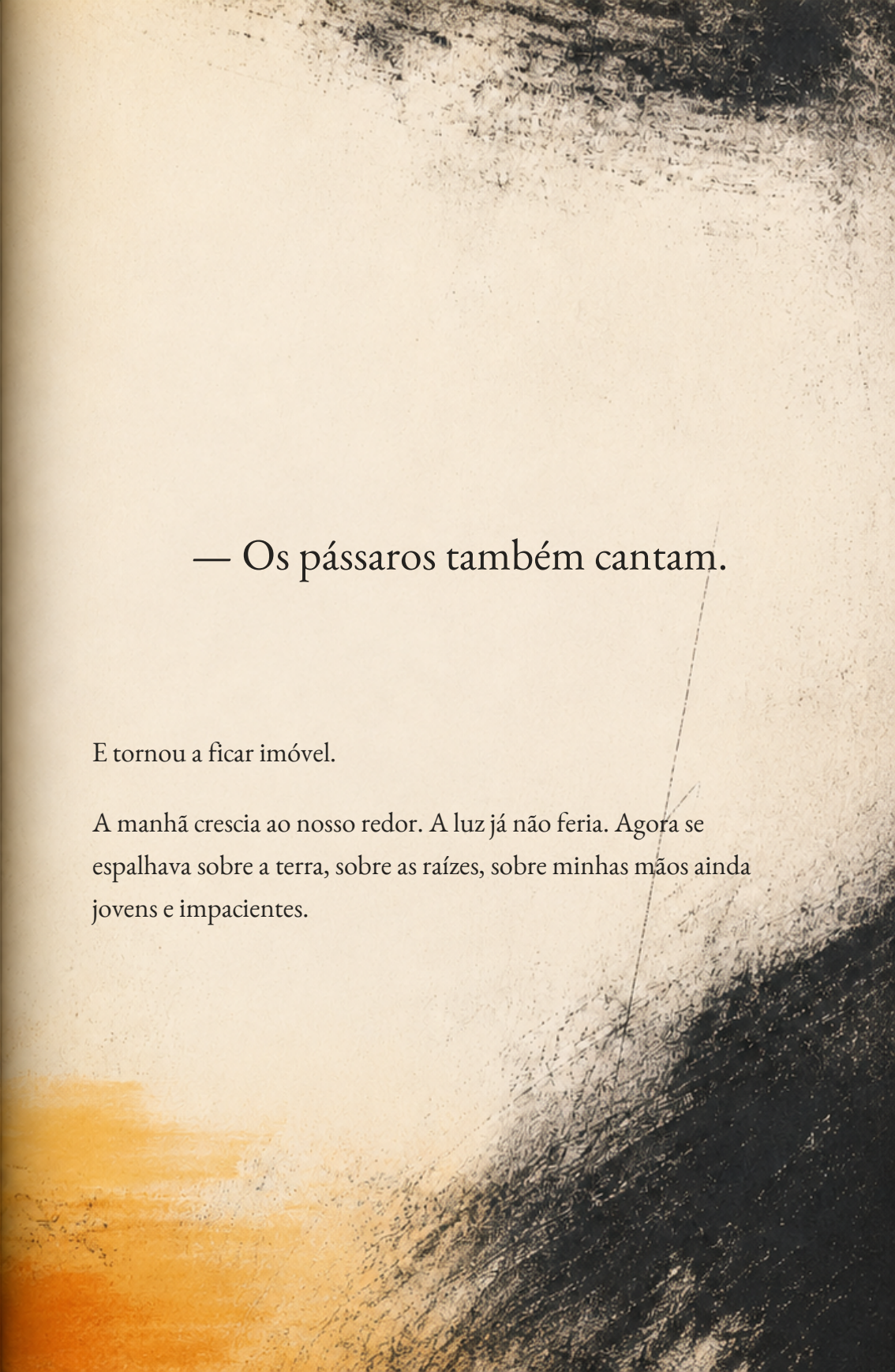
A palavra ficou no ar. Pesa. Como se ele a tivesse deixado cair dentro de mim.

Pensei que a vida talvez fosse isso: um corpo ferido por perguntas que não se deixam tocar. A mente querendo escapar da carne; a carne chamando a mente de volta. Um esboço, uma travessia, uma febre.



— Sabia — continuei —, se somos capazes de criar melodias que parecem tocar as estrelas, isso não é sinal de algo maior?

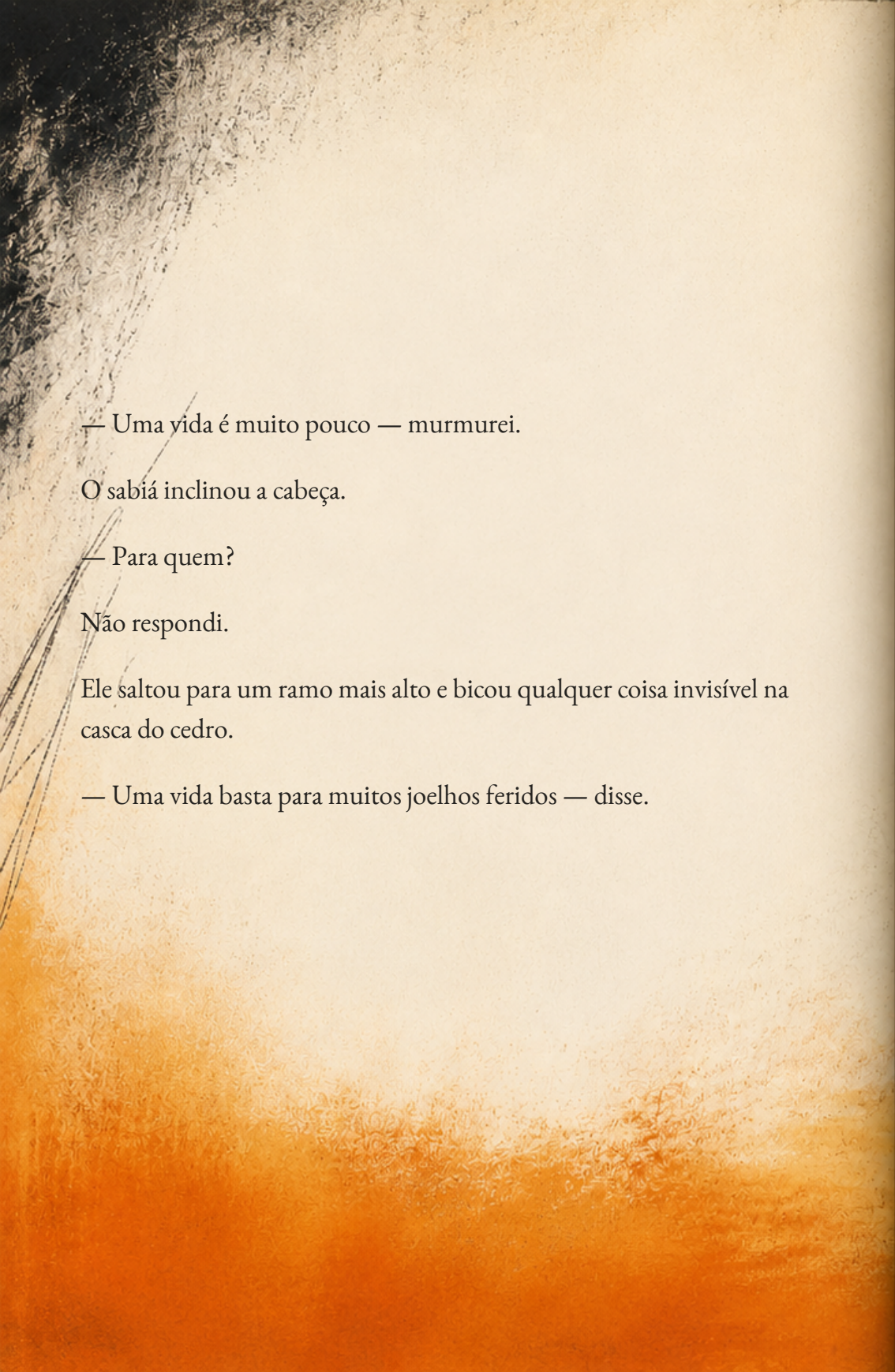
Ele abriu o bico. Por um instante, pensei que fosse cantar. Mas apenas disse:



— Os pássaros também cantam.

E tornou a ficar imóvel.

A manhã crescia ao nosso redor. A luz já não feria. Agora se espalhava sobre a terra, sobre as raízes, sobre minhas mãos ainda jovens e impacientes.



— Uma vida é muito pouco — murmurei.

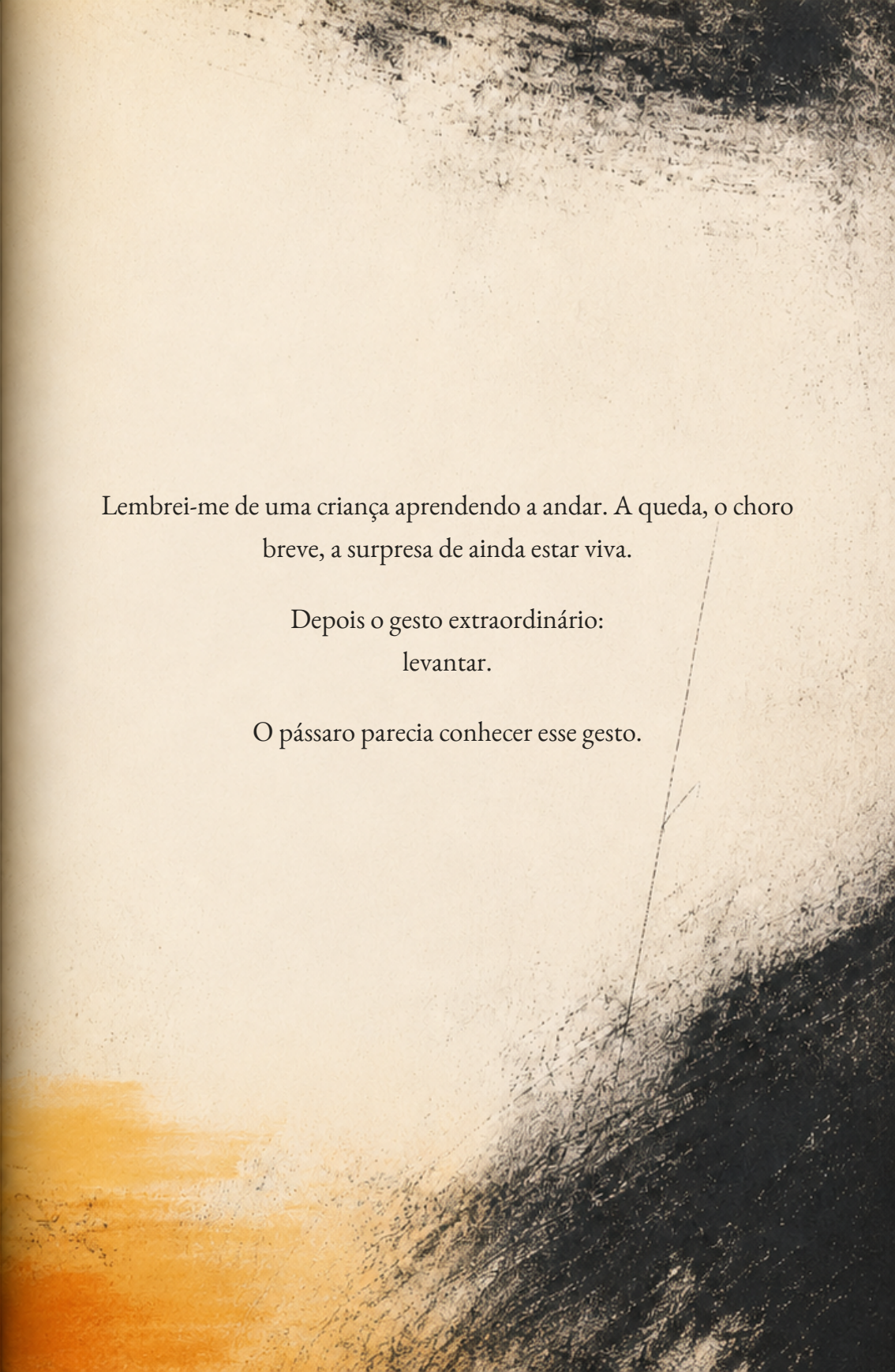
O sabiá inclinou a cabeça.

— Para quem?

Não respondi.

Ele saltou para um ramo mais alto e bicou qualquer coisa invisível na casca do cedro.

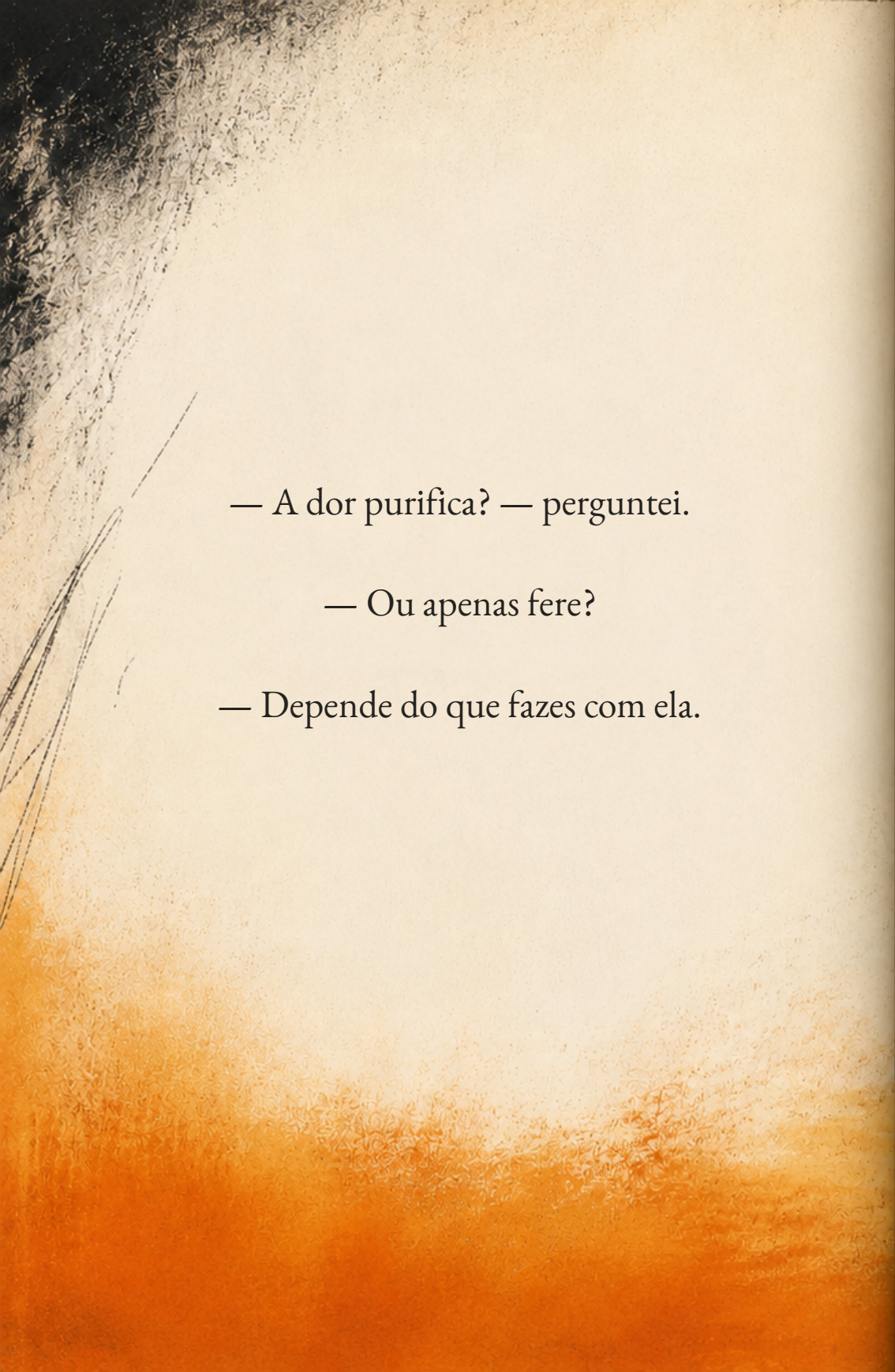
— Uma vida basta para muitos joelhos feridos — disse.



Lembrei-me de uma criança aprendendo a andar. A queda, o choro
breve, a surpresa de ainda estar viva.

Depois o gesto extraordinário:
levantar.

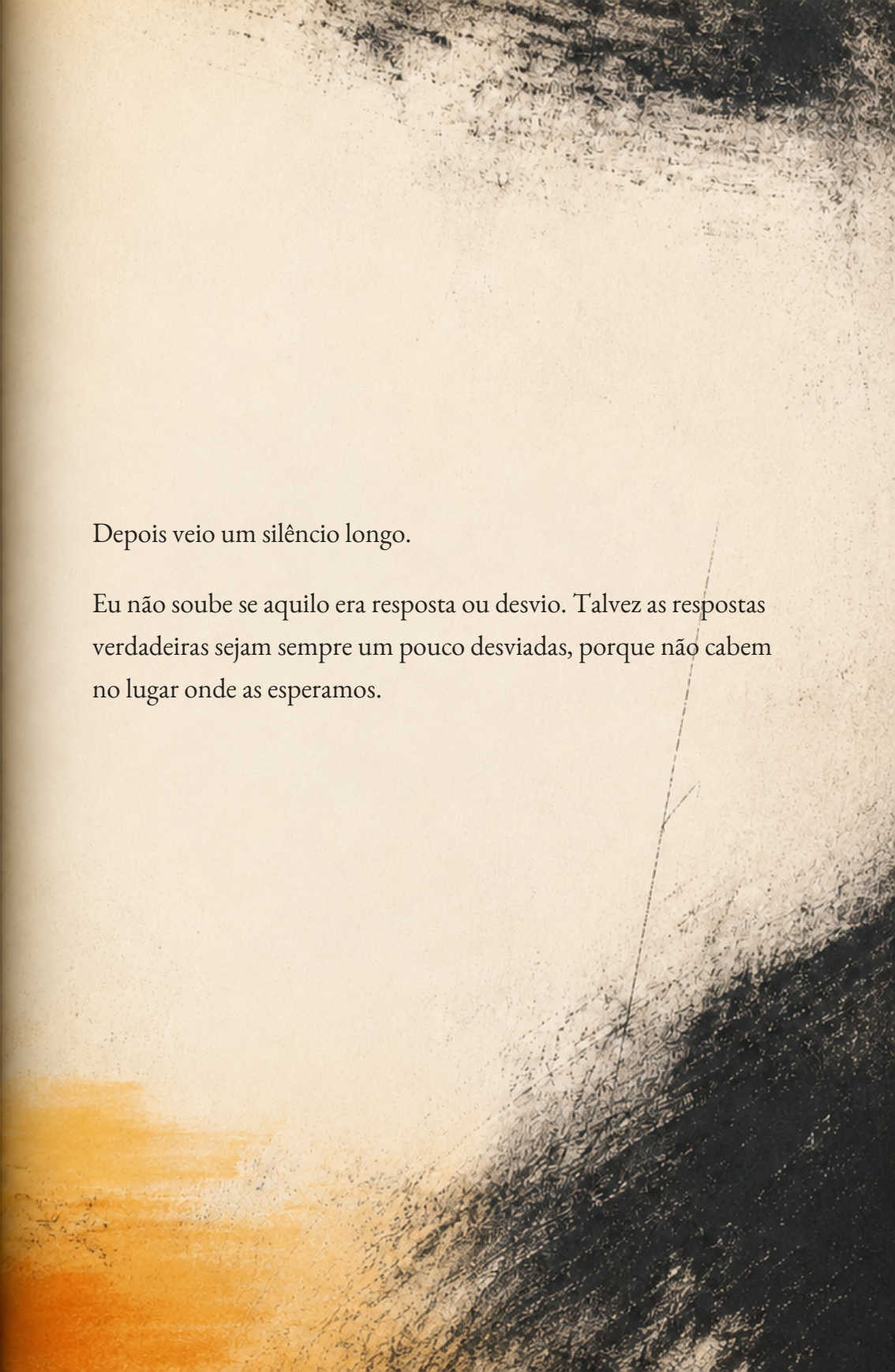
O pássaro parecia conhecer esse gesto.



— A dor purifica? — perguntei.

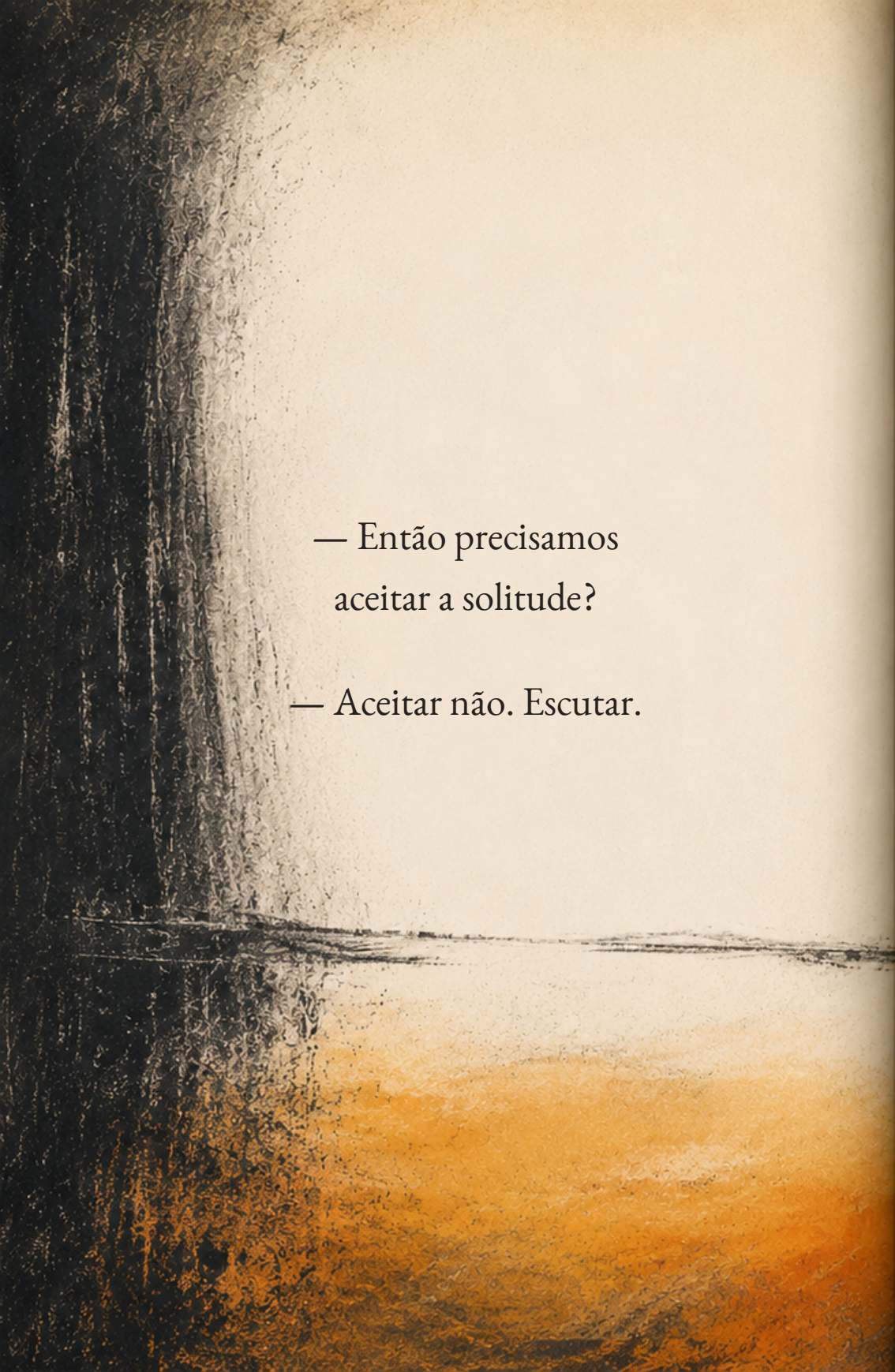
— Ou apenas fere?

— Depende do que fazes com ela.



Depois veio um silêncio longo.

Eu não soube se aquilo era resposta ou desvio. Talvez as respostas verdadeiras sejam sempre um pouco desviadas, porque não cabem no lugar onde as esperamos.



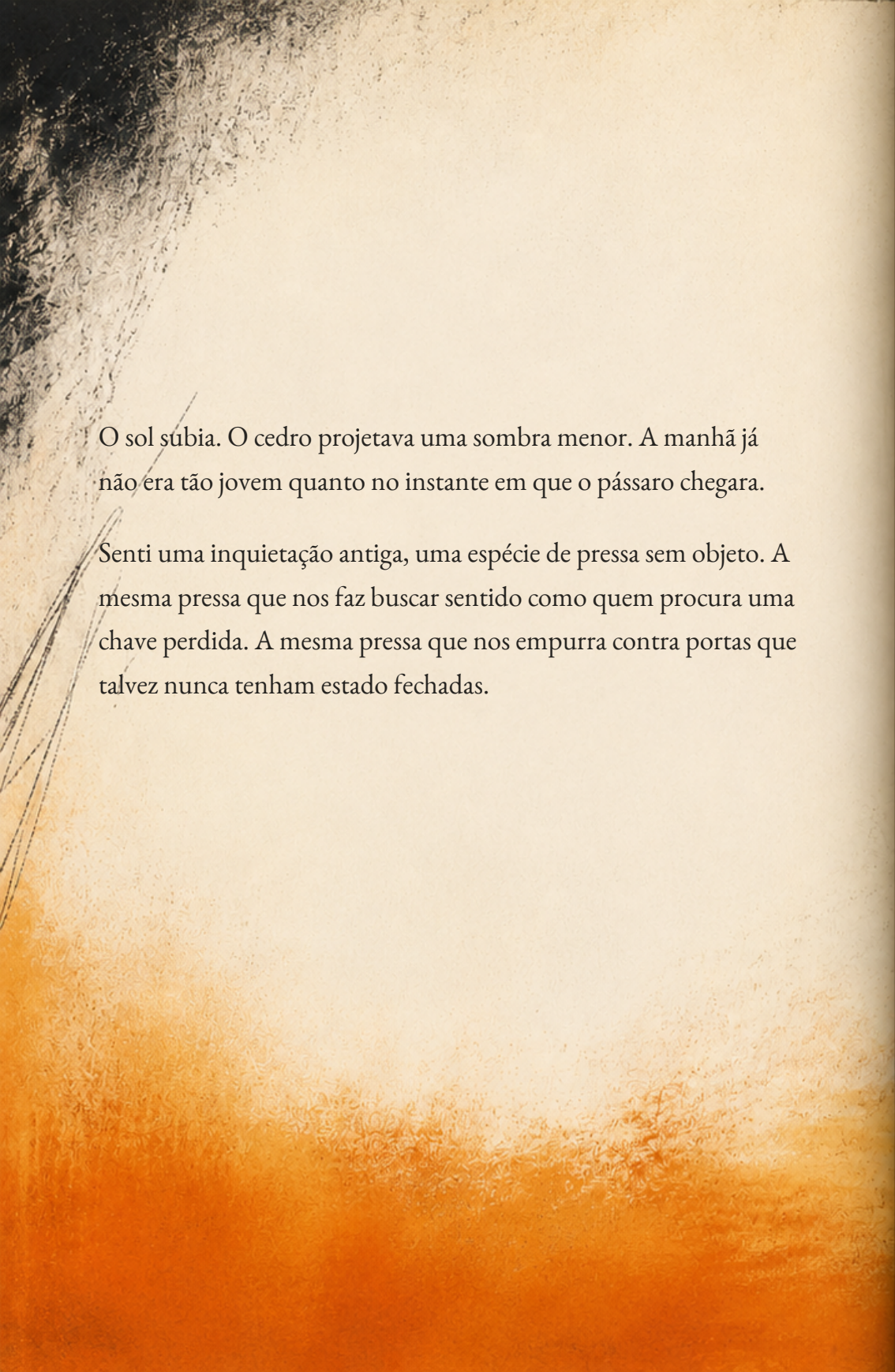
— Então precisamos
aceitar a solitude?

— Aceitar não. Escutar.

— E a montanha? Quanto mais caminhamos,
mais ela se afasta.

— Ainda assim, há caminho.

Nada mais.



O sol subia. O cedro projetava uma sombra menor. A manhã já não era tão jovem quanto no instante em que o pássaro chegara.

Senti uma inquietação antiga, uma espécie de pressa sem objeto. A mesma pressa que nos faz buscar sentido como quem procura uma chave perdida. A mesma pressa que nos empurra contra portas que talvez nunca tenham estado fechadas.

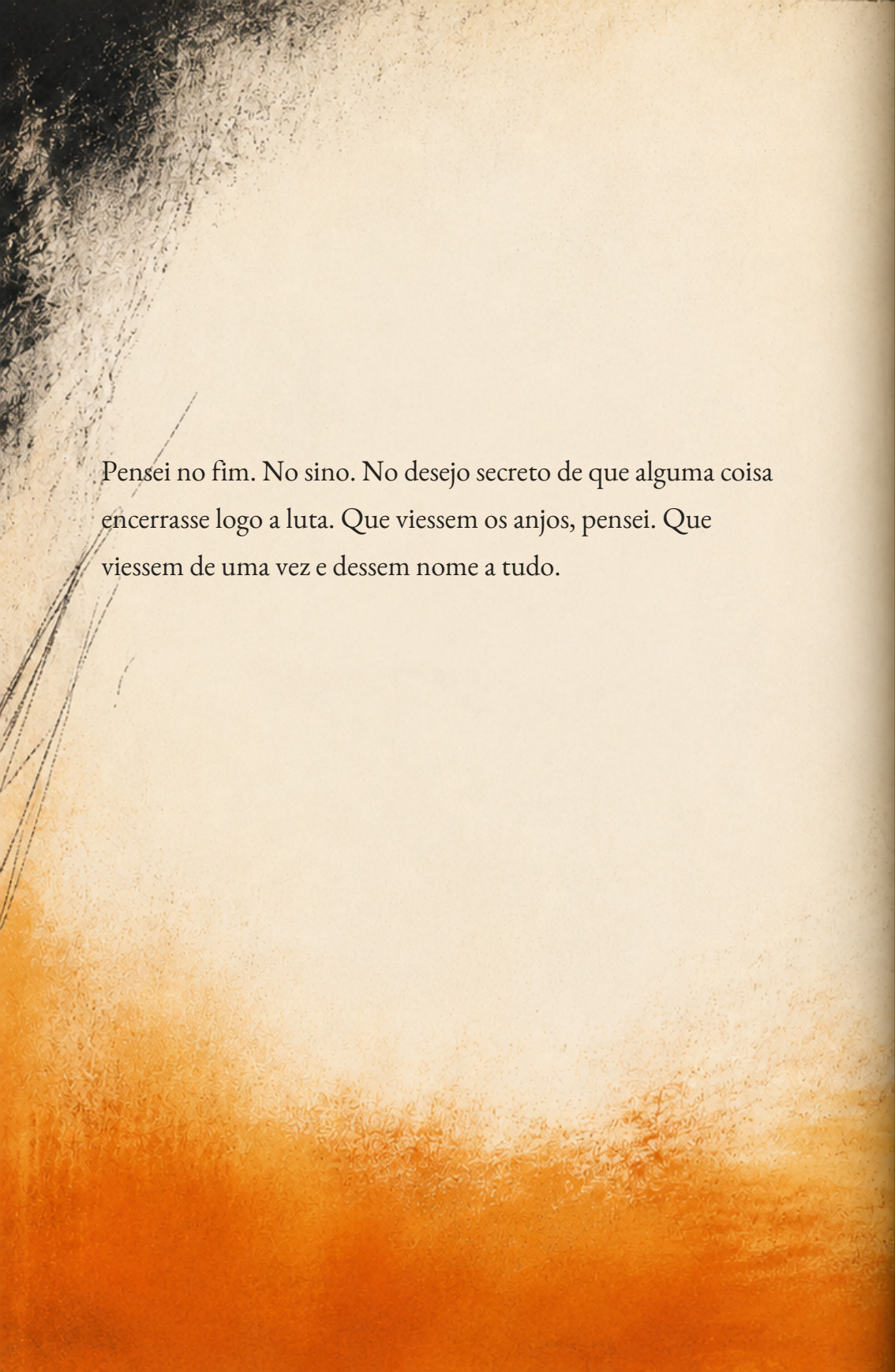
— O amor nos salva?

— O amor acende.

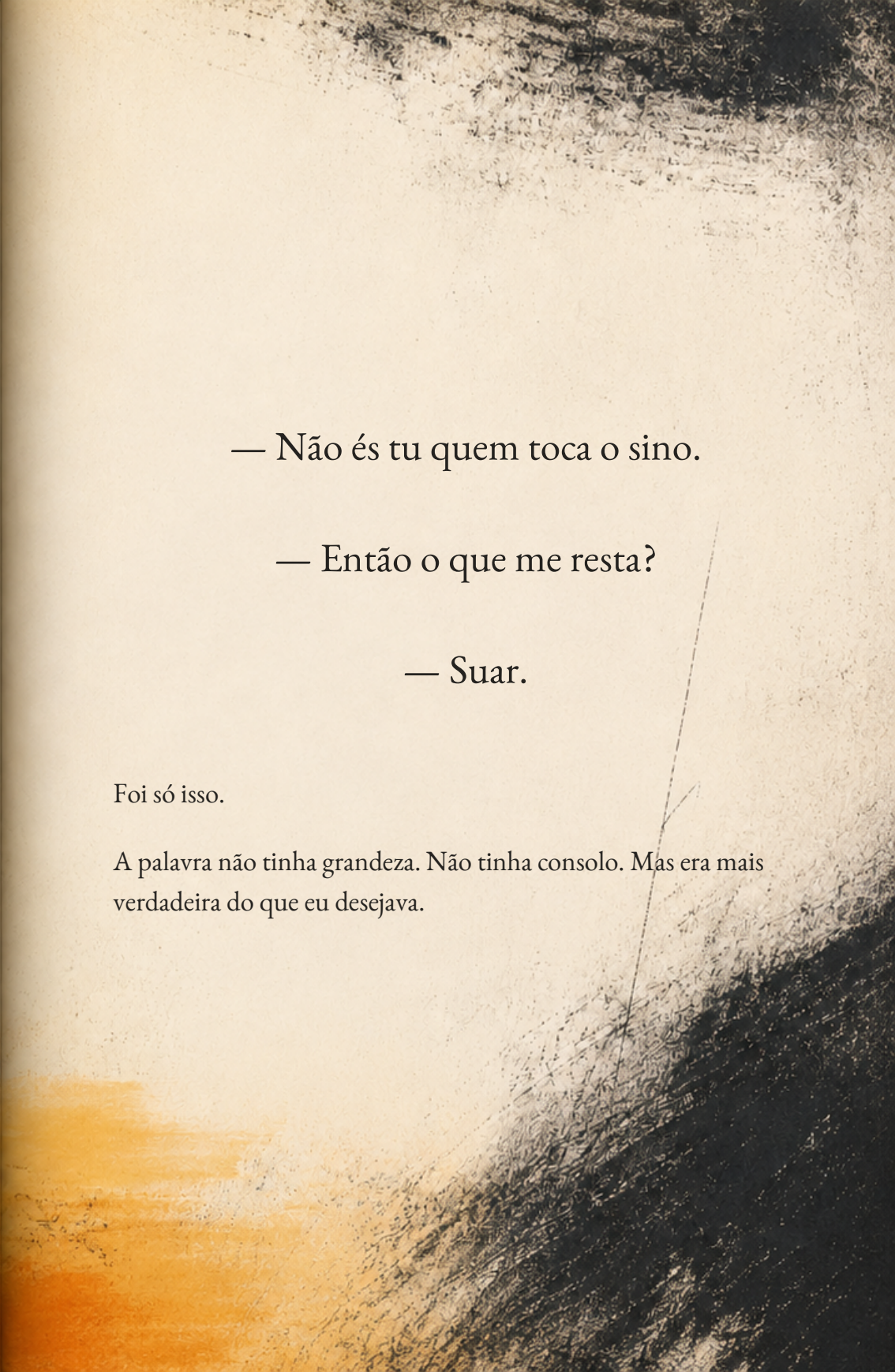
— E depois?

— Depois, queima.

Abaixei os olhos. No chão, havia formigas trabalhando em torno de uma semente partida. Nenhuma parecia perguntar pelo fim do mundo. Nenhuma esperava pelos anjos. Levavam fragmentos, desapareciam entre folhas secas, voltavam.



Pensei no fim. No sino. No desejo secreto de que alguma coisa encerrasse logo a luta. Que viessem os anjos, pensei. Que viessem de uma vez e dessem nome a tudo.



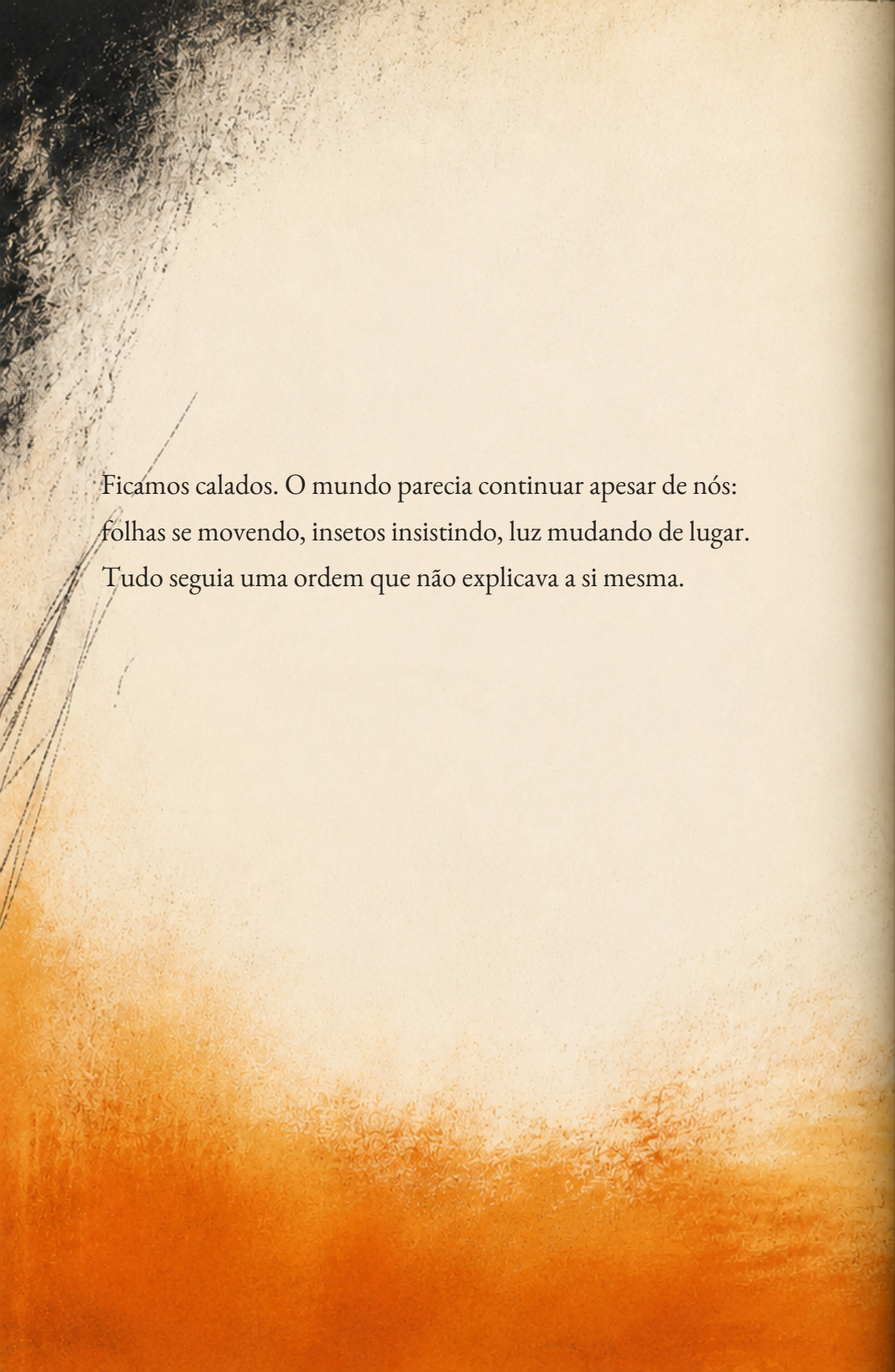
— Não és tu quem toca o sino.

— Então o que me resta?

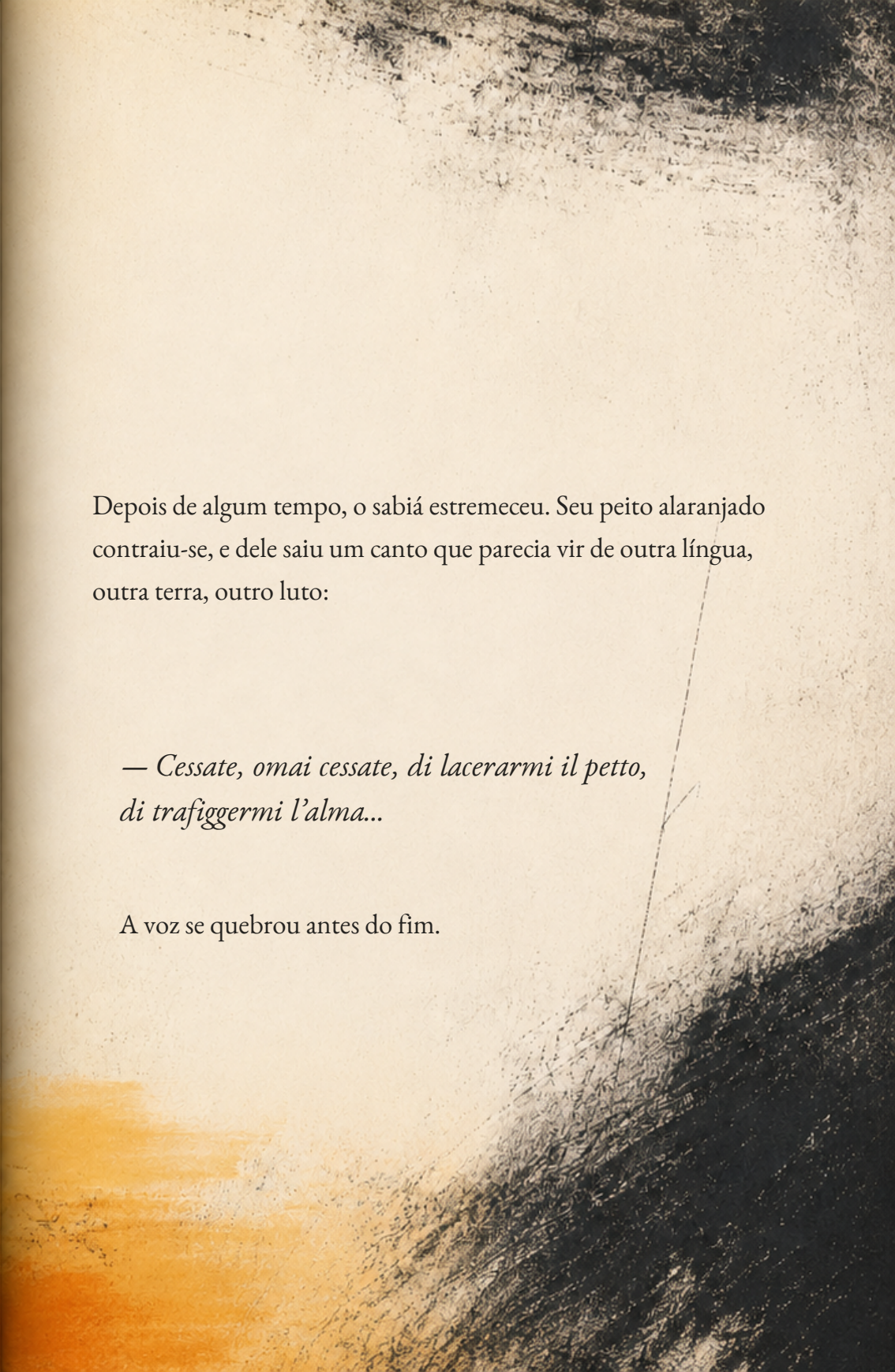
— Suar.

Foi só isso.

A palavra não tinha grandeza. Não tinha consolo. Mas era mais verdadeira do que eu desejava.



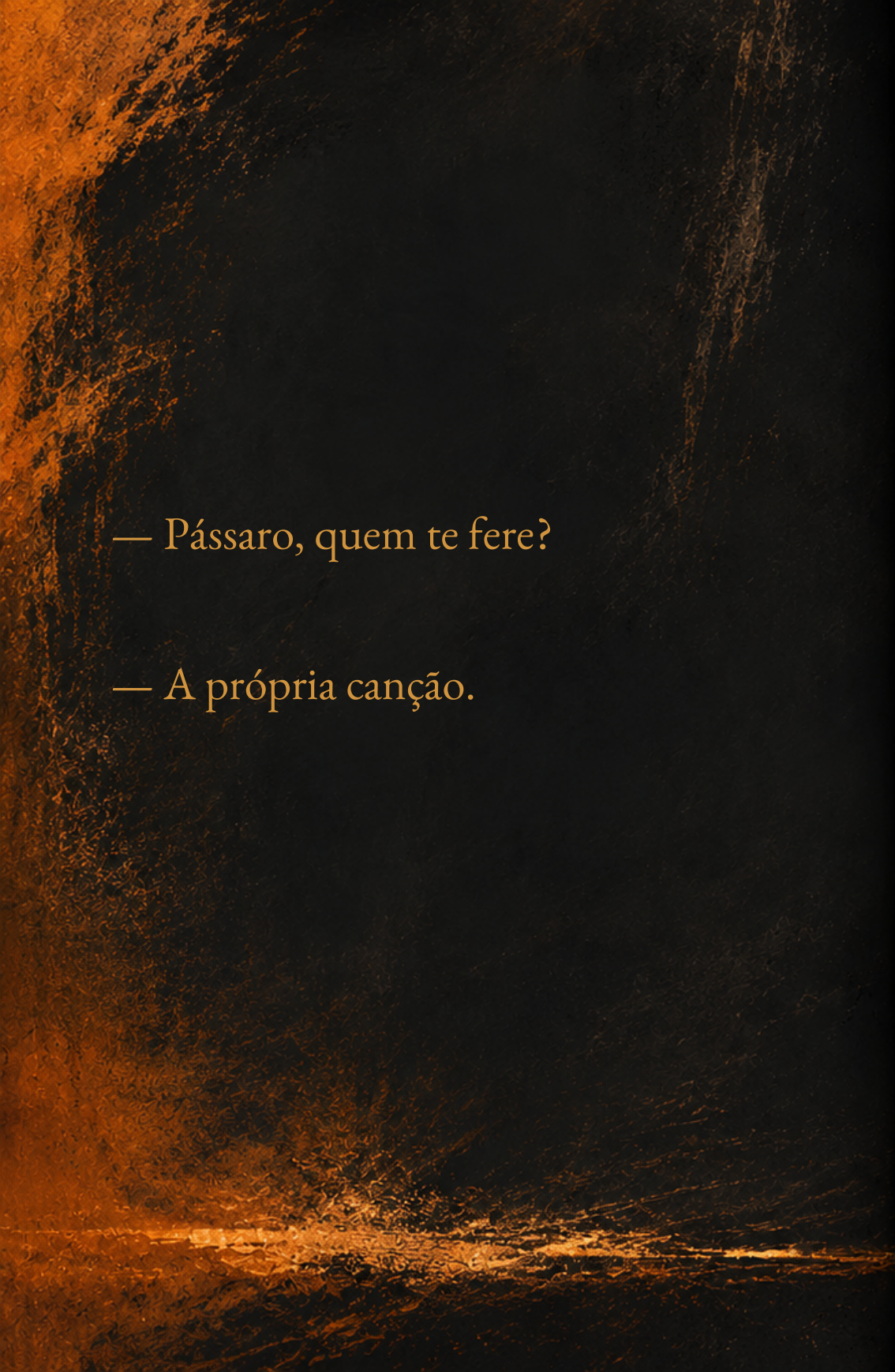
Ficamos calados. O mundo parecia continuar apesar de nós:
folhas se movendo, insetos insistindo, luz mudando de lugar.
Tudo seguia uma ordem que não explicava a si mesma.



Depois de algum tempo, o sabiá estremeceu. Seu peito alaranjado contraiu-se, e dele saiu um canto que parecia vir de outra língua, outra terra, outro luto:

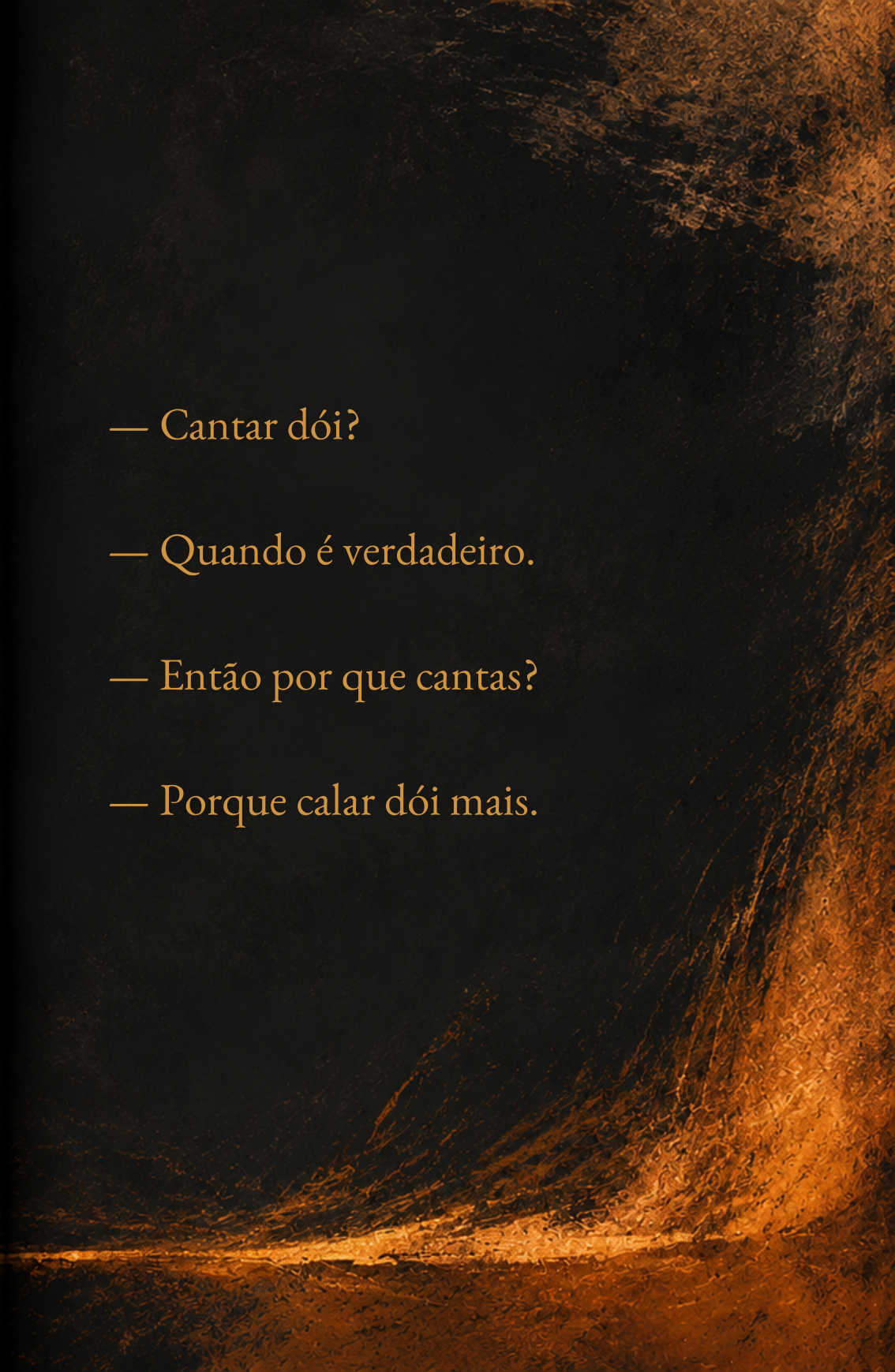
— *Cessate, omai cessate, di lacerarmi il petto,
di trafiggermi l'alma...*

A voz se quebrou antes do fim.



— Pássaro, quem te fere?

— A própria canção.



— Cantar dói?

— Quando é verdadeiro.

— Então por que cantas?

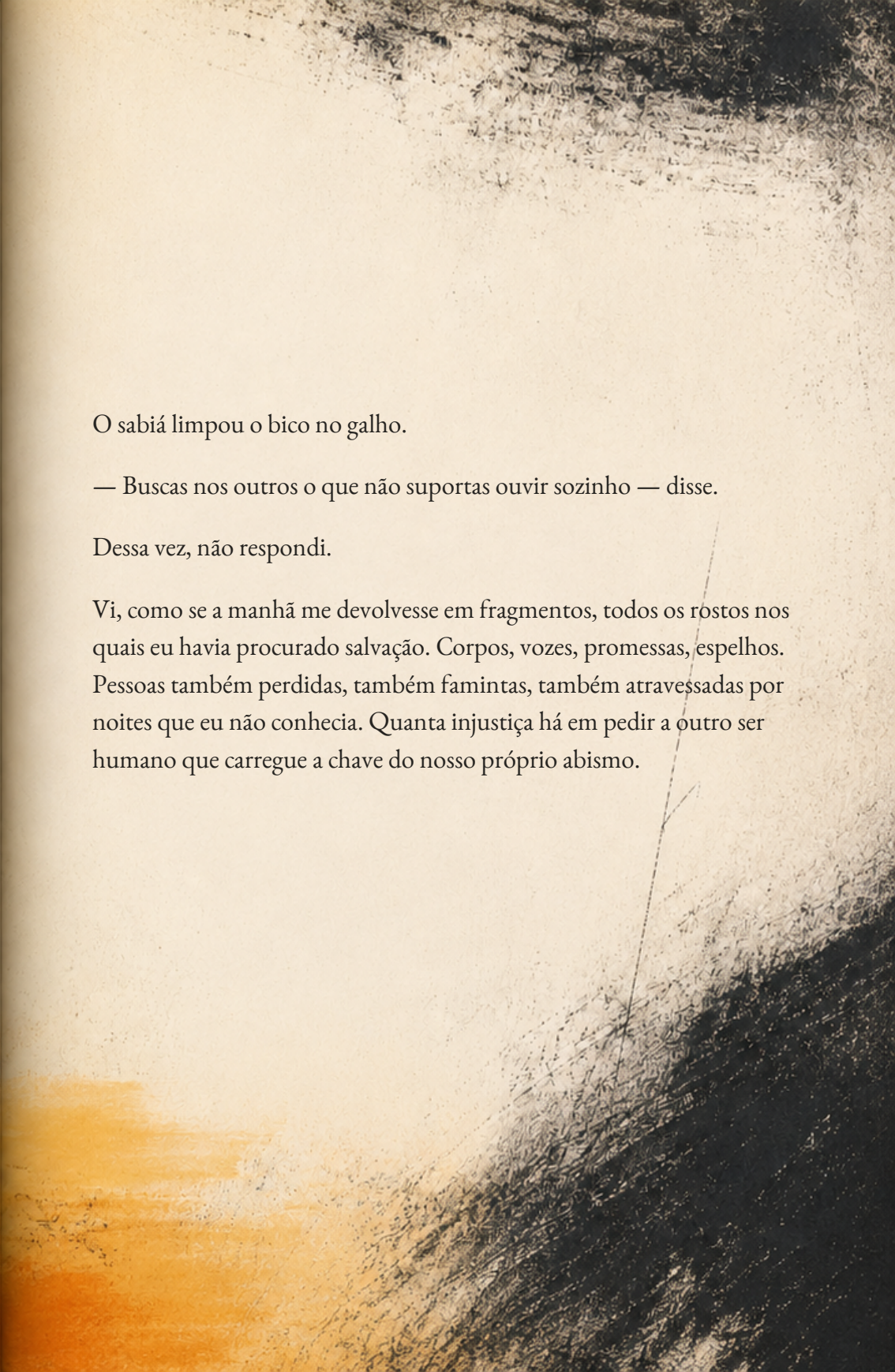
— Porque calar dói mais.



— Tu és triste — eu disse.

— Sou vivo.

Quis perguntar mais, mas tive medo de estragar o instante. Há perguntas que nascem da sede. Outras, da vaidade. Eu ainda não sabia distinguir bem umas das outras.



O sabiá limpou o bico no galho.

— Buscas nos outros o que não suportas ouvir sozinho — disse.

Dessa vez, não respondi.

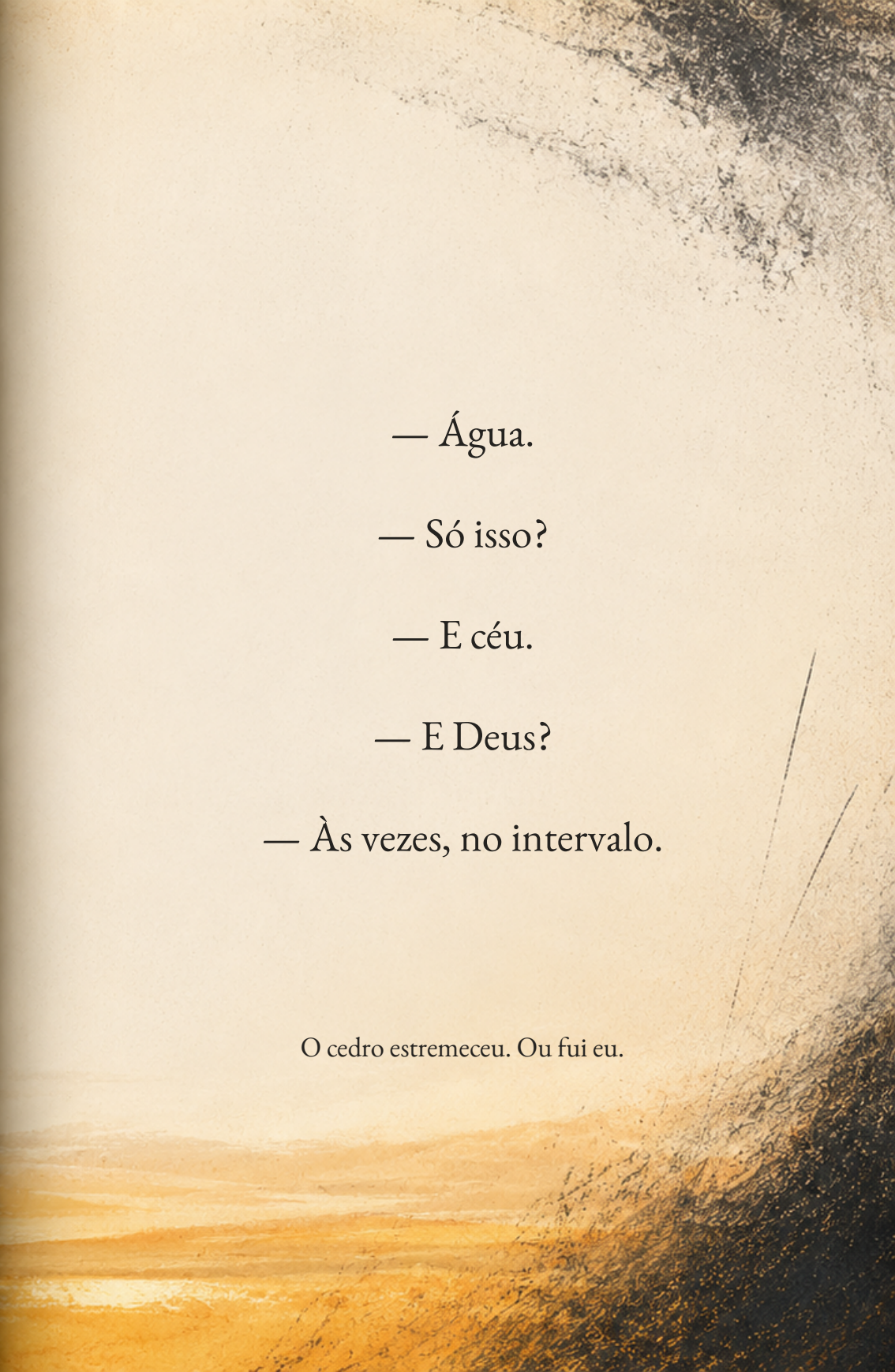
Vi, como se a manhã me devolvesse em fragmentos, todos os rostos nos quais eu havia procurado salvação. Corpos, vozes, promessas, espelhos. Pessoas também perdidas, também famintas, também atravessadas por noites que eu não conhecia. Quanta injustiça há em pedir a outro ser humano que carregue a chave do nosso próprio abismo.



— E tu? — perguntei enfim. — O que buscas?

O sabiá virou-se para mim.

O olho dele era pequeno e escuro. Mas naquele ponto mínimo havia uma distância impossível.



— Água.

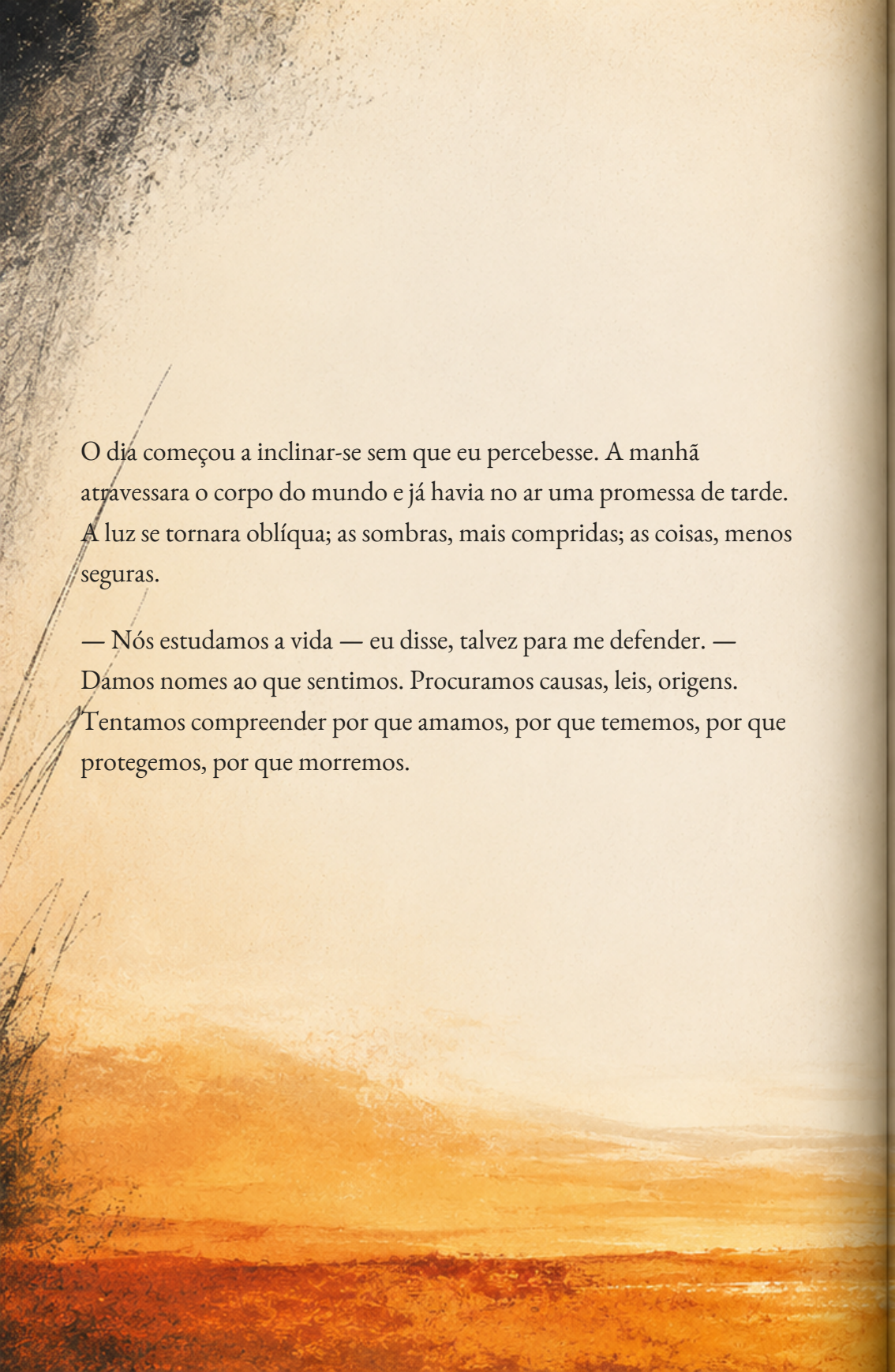
— Só isso?

— E céu.

— E Deus?

— Às vezes, no intervalo.

O cedro estremeceu. Ou fui eu.



O dia começou a inclinar-se sem que eu percebesse. A manhã atravessara o corpo do mundo e já havia no ar uma promessa de tarde. A luz se tornara oblíqua; as sombras, mais compridas; as coisas, menos seguras.

— Nós estudamos a vida — eu disse, talvez para me defender. — Damos nomes ao que sentimos. Procuramos causas, leis, origens. Tentamos compreender por que amamos, por que tememos, por que protegemos, por que morremos.

O sabiá ouviu sem interromper.

— E depois? — perguntei.

Ele desceu um ramo.

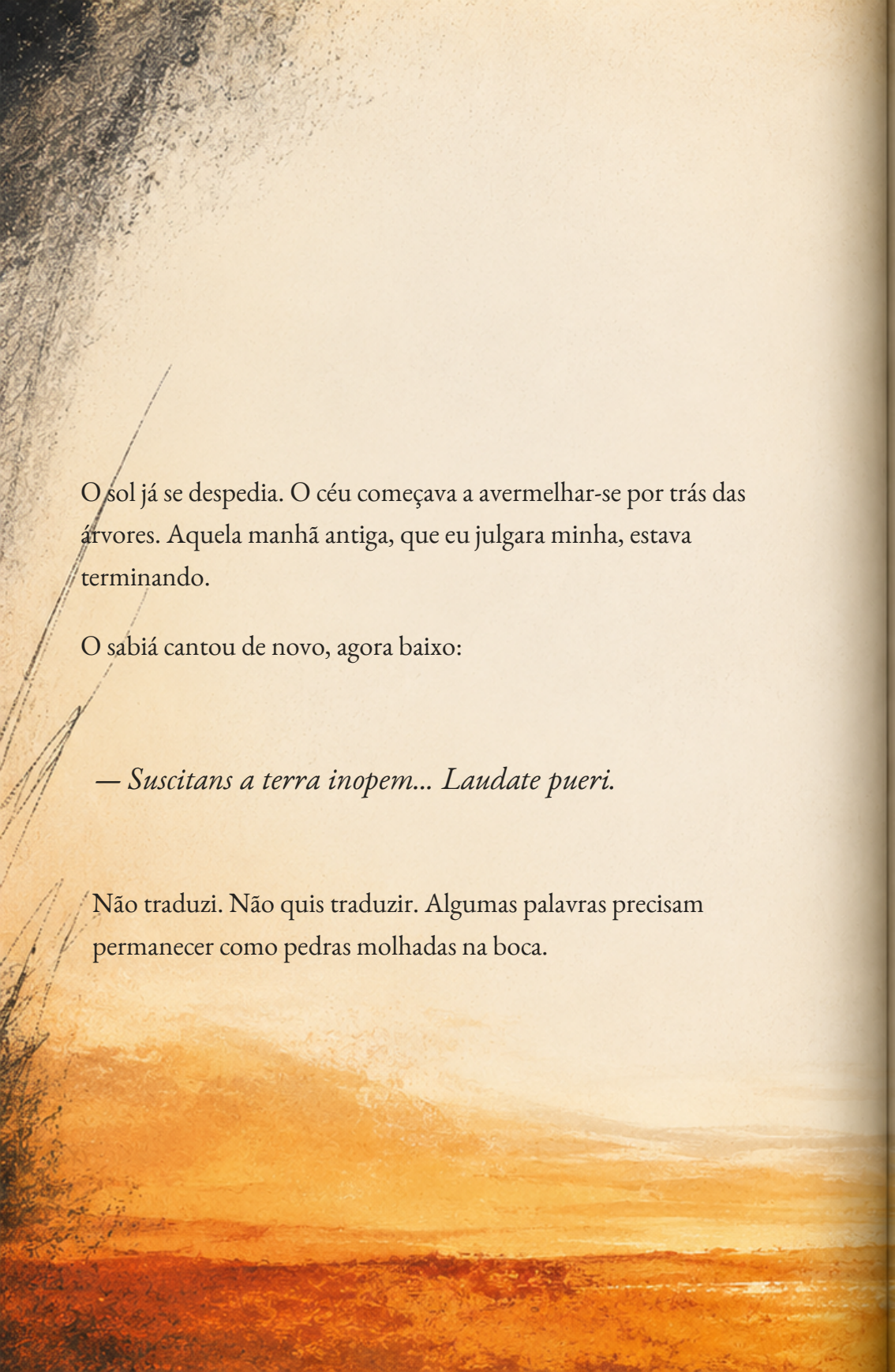
— Depois, anda.

— Cai.

— Levanta.

— Sê.

A palavra não veio como doutrina. Veio como semente.

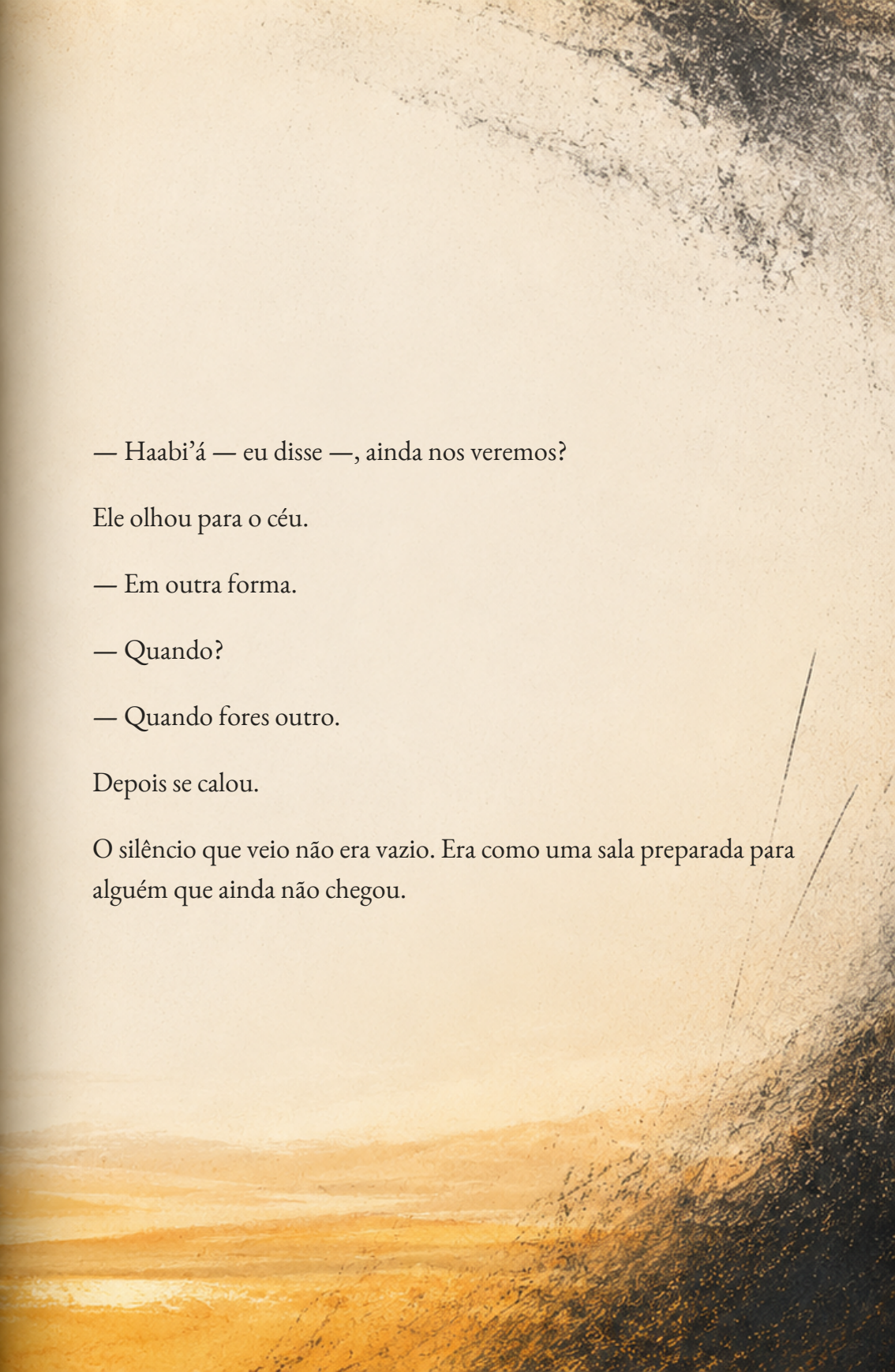


O sol já se despedia. O céu começava a avermelhar-se por trás das árvores. Aquela manhã antiga, que eu julgara minha, estava terminando.

O sabiá cantou de novo, agora baixo:

— *Suscitans a terra inopem... Laudate pueri.*

Não traduzi. Não quis traduzir. Algumas palavras precisam permanecer como pedras molhadas na boca.



— Haabi'á — eu disse —, ainda nos veremos?

Ele olhou para o céu.

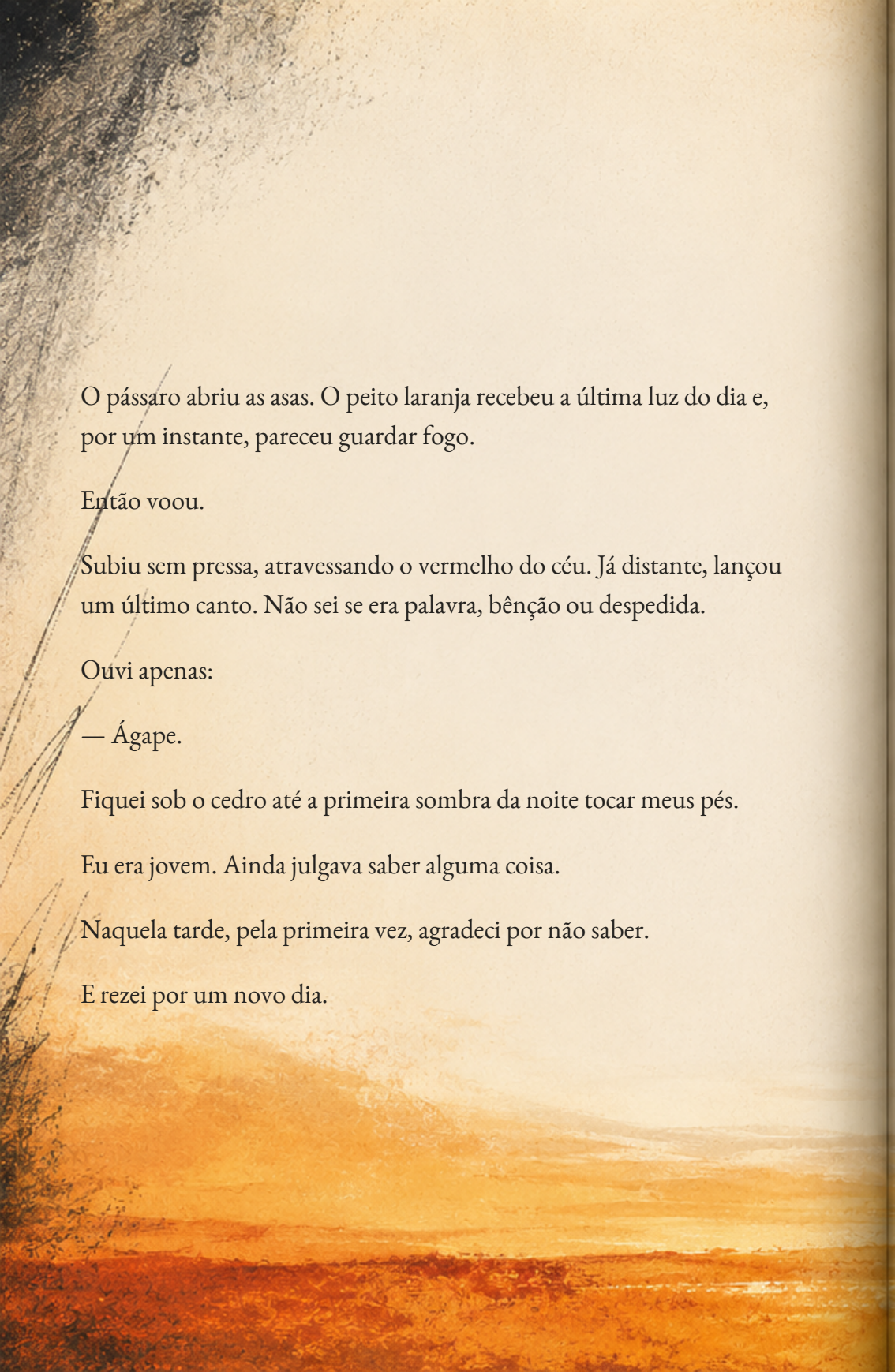
— Em outra forma.

— Quando?

— Quando fores outro.

Depois se calou.

O silêncio que veio não era vazio. Era como uma sala preparada para alguém que ainda não chegou.



O pássaro abriu as asas. O peito laranja recebeu a última luz do dia e, por um instante, pareceu guardar fogo.

Então voou.

Subiu sem pressa, atravessando o vermelho do céu. Já distante, lançou um último canto. Não sei se era palavra, bênção ou despedida.

Ouvi apenas:

— Ágape.

Fiquei sob o cedro até a primeira sombra da noite tocar meus pés.

Eu era jovem. Ainda julgava saber alguma coisa.

Naquela tarde, pela primeira vez, agradei por não saber.

E rezei por um novo dia.



Nota autoral

Haabi'á é uma evocação poética ligada a formas antigas associadas à origem tupi da palavra sabiá. No conto, o termo não pretende funcionar como explicação etimológica, mas como abertura simbólica: o pássaro familiar torna-se presença arcaica, oracular, quase anterior ao próprio nome.